



COMEÇA O XVII CBAS!

Enfim, chegou o dia!

Teve início na tarde de terça-feira (11) o XVII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS).

Em função da pandemia da Covid-19, o Congresso inaugurou nesta edição um formato que permitiu a participação gratuita de estudantes e profissionais, resultando na inscrição de 12.606 pessoas do Brasil e de quase 20 outros países - como Portugal, Argentina, Angola, Uruguai, Colômbia, Canadá, Itália, Venezuela, Bolívia, Andorra, Áustria, Barém, Chile, El Salvador, Albânia, Bahamas, África do Sul, Antígua e Barbuda.

Frente a um contexto de sistemáticos ataques às políticas sociais e consequentes violações de direitos, o XVII CBAS se apresenta como importante ambiente de diálogo e reflexões, reafirmando seu caráter histórico de espaço de mobilização, articulação e resistência da categoria.

Ruth Ribeiro Bittencourt, representando o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), e Leonardo Souza Rabelo, da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), conduziram a solenidade de abertura do XVII CBAS.

Para Leonardo Rabelo, o momento no qual o CBAS se concretiza não poderia ser mais desafiador. "Ainda inseridos em um cenário de pandemia da Covid-19, estamos, também, diante de uma conjuntura de acirramento das desigualdades sociais, agravada pela condução neoliberal e antidemocrática de gestão e execução das políticas públicas, com perdas de direitos sociais, trabalhistas, previdenciários e tantas violações de direitos humanos e acirramento da questão social", destacou.

"É hora de afirmar as nossas posições críticas e progressistas por um projeto social em defesa da construção de uma sociedade livre e emancipada de todas as formas de exploração e opressão - tal qual nos impõe o nosso código de ética profissional"" ressaltou Ruth Ribeiro.

Compondo a mesa oficial de abertura, a presidenta do CFESS, Maria Elizabeth Santana Borges, ponderou que esta edição especial do CBAS foi uma aposta de que o formato não limitaria a criticidade do evento, lembrando que o Congresso da Virada realizado em 1979 demarcou um modelo de CBAS comprometido com a crítica, o debate sobre os fundamentos da intervenção profissional de assistentes sociais e com a dimensão política das atuações profissionais, na direção de um projeto ético-político-profissional.

A presidenta do CFESS alertou também que o país encontra-se em um momento de disputa de projetos societários, com rumos incertos. Se após a "virada", nos anos 1980, a população vivia uma ascensão da reconstrução democrática, nesta segunda década do século XXI a luta passa pela manutenção de um patamar mínimo de civilidade.

"Reafirmamos nossa luta em prol das liberdades democráticas, defesa de direitos, políticas públicas e das conquistas históricas da classe trabalhadora, a exemplo da seguridade social ampliada e da proteção ao trabalho. Sabemos que este é um caminho a ser trilhado com alianças com os movimentos sociais e organizações que constroem o percurso de resistências e bandeiras de lutas que coadunamos. Com a primavera nos dentes, invocamos a resistência em prol da democracia", destacou Elizabeth Borges.

Rodrigo José Teixeira, presidente da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), afirmou que a sociedade vive com a contradição de que a produção da riqueza no capitalismo é proporcional à produção da pobreza. Nesse sentido, pontuou o aprofundamento de desigualdades em função da atual crise sanitária, que impacta de forma mais severa os segmentos mais vulnerabilizados da população brasileira. "O Serviço Social nesse processo foi chamado para atuar na linha de frente, ou seja, de onde nós nunca saímos e assim, construímos de forma crítica e criativa maneiras novas e históricas da nossa atuação", salientou.

Ainda na avaliação do presidente da ABEPSS, a expansão da formação mercantil é um dos principais desafios ao projeto de formação profissional construído historicamente pelo Serviço Social brasileiro, reforçando também que a política de permanência e assistência estudantil estão muito fragilizadas, impedindo a articulação ensino, pesquisa e extensão e a qualidade dos estágios supervisionados, momento privilegiado da formação profissional.

A coordenadora nacional da ENESSO, Ariane da Silva Nunes, chamou a atenção para o papel da entidade em fomentar e potencializar a formação político-profissional de estudantes do Serviço Social. Segundo Ariane, é necessário destacar a importância do movimento estudantil do Serviço Social para a história da profissão e da sociedade "em que a gente, historicamente, tem sido resistência

e tem se aliado à pauta da classe trabalhadora, principalmente nessa conjuntura de acirramento das dificuldades sociais e perda de direitos advinda do avanço e da dominação do neoliberalismo no país".

Ariane também enfatizou ser oportuno reavaliar todos os debates já realizados, visitar os momentos de formação e as lutas travadas em defesa de uma sociedade mais justa e igualitária para que esse acervo de atuação ajude a intensificar o enfrentamento aos desafios que se apresentam na contemporaneidade. "Se faz neste momento ainda mais necessário mostrarmos a nossa força e a nossa voz nas ruas" enfatizou.

"Nós nunca fugimos da luta. E esse momento exige de nós, é um chamado para que a gente possa derrotar esse projeto anti-democrático em curso, para que a gente possa fortalecer e reafirmar os nossos compromissos éticos", ponderou Karina Aparecida Figueiredo, presidenta do Conselho Regional de Serviço Social da 8ª Região (CRESS DF), durante a mesa de abertura.

Conferência magna

Após a mesa de abertura, foi realizada uma conferência magna que colocou em debate o tema central do XVII CBAS: "Crise do capital e exploração do trabalho em momento pandêmico: repercussões no Brasil e na América Latina". Na ocasião, as palestrantes realizaram uma profunda análise de conjuntura no sentido de se pensar nas estratégias de enfrentamento da crise que se apresenta.

Chamaram também a atenção para as desigualdades de classe, gênero e raça-etnia; o papel do Estado; a particularidade do Brasil e a determinação social da pandemia, bem como as transformações do trabalho e da classe trabalhadora e as repercussões no trabalho profissional.

Elaine Behring, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mencionou os processos de naturalização como uma das armadilhas do momento atual, ponderando que isso é resultado de um processo histórico de opressão e violação de direitos. "Tenho convicção de que, majoritariamente, nossa categoria sabe de que lado da história está: da luta contra a precarização do trabalho em defesa dos direitos humanos e das políticas sociais; em defesa do meio ambiente; pela vida das mulheres, negras e negros e contra todas as formas de opressão e exploração; em defesa das liberdades democráticas tão duramente conquistadas neste país de tradições autocráticas e violentas. Nosso projeto ético-político se construiu na luta contra uma ditadura. Não queremos ver nenhuma ditadura de volta. Ditadura nunca mais!", frisou.

Cristiane Sabino, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresentou um panorama geral da atual conjuntura da América Latina, ressaltando aspectos

relacionados ao racismo e ao sexismo como mecanismos fundamentais para a superexploração e para o controle do território. "O nosso maior desafio como classe trabalhadora hoje é recuperar as forças no terreno político e avançar contra as múltiplas camadas de dominação ideológica de alienação, de fragmentação. E, para isso, é preciso ir além da política da representatividade - e vencer o facismo. Mas a gente precisa avançar para construir espaços políticos de participação ampla e efetiva que, de fato, possibilite à gente, enquanto classe trabalhadora, a recolocar em cena o desejo de superação do capital", destacou.

As questões do teletrabalho foram apresentadas por Raquel Raichelis, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Segundo a docente, essa nova organização do laboro promove transformações profundas nos processos de trabalho e na vida das(os) trabalhadoras(es) - não apenas naquelas(es) que fazem teletrabalho, mas de todas(os) as(os) profissionais. Entre as inúmeras consequências, o adoecimento da saúde física e mental, com maior impacto sobre as mulheres.

"Embora os usos das tecnologias digitais hoje sejam hegemônicas pelos interesses do capital, é fundamental que nós, enquanto trabalhadores e trabalhadoras, também possamos discutir a direção social dessa incorporação. Não se trata de lutar contra o uso das tecnologias, dos sistemas informacionais, mas sim, de entender que se nós não avançarmos na negociação e na discussão daquilo que é possível do ponto de vista ético, respeitando inclusive o sigilo profissional e os direitos dos próprios usuários nesse vazio institucional, os interesses do capital irão, de fato, predominar", concluiu.

Se você não conseguiu assistir às atividades do primeiro dia do XVII CBAS, não se preocupe. A mesa de abertura e a conferência magna podem ser revisitadas a qualquer momento no YouTube do CFESS e da ABEPSS.